

A AVENTURA DE ENSINAR E PESQUISAR A AVENTURA NO BRASIL: APONTAMENTOS HISTÓRICOS E PROSPECÇÕES EXPLORATÓRIAS

THE ADVENTURE OF TEACHING AND RESEARCH THE ADVENTURE IN BRASIL: HISTORICAL
REMARKS AND EXPLORATORY PROSPECTS

LA AVENTURA DE LA ENSEÑANZA Y LA INVESTIGACIÓN DE LA AVENTURA EN BRASIL:
NOTAS HISTÓRICAS Y PROSPECCIONES EXPLORATORIAS

Luiz Afonso Vaz de Figueiredo ¹

Manuscrito recebido em: 31 de março de 2023.

Aprovado em: 12 de junho de 2023.

Publicado em: 10 de julho de 2023.

Resumo

O estudo possui caráter exploratório acerca da produção histórica brasileira sobre o ensino e a pesquisa da aventura e suas interfaces com outros temas, em seus múltiplos sentidos. Procurou-se verificar a evolução da matéria nos espaços acadêmicos e os processos formativos envolvidos. A aventura foi realizar um amplo mapeamento dos autores e da produção científica sobre o assunto, estabelecendo origens. Para isso, utilizou-se o curriculum *Lattes*, o diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, o *WebQualis* e o *Scielo* para reconhecimento dos periódicos e artigos, além de informações sobre congressos e livros relacionados com a aventura e das plataformas *Acácia* e *Árvore da Ciência*. Percebeu-se um emaranhado temático com relação à aventura, conectando práticas corporais e práticas socioambientais às diversas dimensões envolvidas: lazer, esporte, turismo, motricidade humana, superação de limites, risco, segurança e contato com a natureza. Observou-se notável crescimento nos espaços de produção e divulgação do conhecimento, com muitos novos grupos de pesquisa, periódicos, congressos e livros. Foi construído um panorama geral que permita uma visualização ampliada dessa densa produção intelectual, mesmo que de forma preliminar e relativa aos primórdios do tema. Possibilitou, ainda, situar a trajetória desse tópico em toda sua diversidade temática, autores em evidência, tendências investigativas, conceitos explorados e indicação de lacunas. Há ainda muitos desafios para o ensino e pesquisa de aventura no Brasil, principalmente em relação à sua construção social e histórica, vislumbradas ao longo dessa caminhada.

Palavras-chave: Práticas corporais de aventura; Produção científica; Genealogia acadêmica; Educação Física; Educação Ambiental.

Abstract

The study has an exploratory character about the Brazilian historical production on the teaching and research of the adventure and its interfaces with other themes, in its multiple meanings. We tried to verify the evolution of the subject in academic spaces and the formative processes involved. The adventure was to carry out a broad mapping of the authors and scientific production on the subject, establishing origins. For this, the *Lattes* curriculum, the CNPq Research Groups directory, *WebQualis* and *Scielo* were used to recognize journals and articles, as well as information

¹ Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professor convidado na Universidade de Passo Fundo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4355-5706> Contato: figueiredo.afonso61@gmail.com

about congresses and books related to adventure and the *Acácia* and *ScienceTree* platforms. A thematic tangle was perceived in relation to adventure, connecting bodily practices and socio-environmental practices to the various dimensions involved: leisure, sport, tourism, human mobility, overcoming limits, risk, safety and contact with nature. A notable growth was observed in the areas of production and dissemination of knowledge, with many new research groups, journals, conferences and books. An overview was built that allows an expanded view of this dense intellectual production, even if in a preliminary way and relative to the beginnings of the theme. It also made it possible to situate the trajectory of this topic in all its thematic diversity, authors in evidence, investigative trends, explored concepts and indication of gaps. There are still many challenges for teaching and researching adventure in Brazil, mainly in relation to its social and historical construction, that can be seen along this way.

Keywords: Adventure bodily practices; Scientific production; Academic genealogy; Physical Education; Environmental Education.

Resumen

El estudio tiene un carácter exploratorio acerca de la producción histórica brasileña sobre la enseñanza y la investigación de la aventura, sus interfaces con otros temas y múltiples sentidos. Intentamos verificar la evolución del tema en los espacios académicos y los procesos formativos involucrados. La aventura fue realizar un amplio mapeo (entre los años 1980-2010) de los autores y la producción científica sobre el tema, estableciendo orígenes. Para ello, se utilizaron el currículo *Lattes*, el directorio de Grupos de Investigación del *CNPq*, *WebQualis* y *SciELO* para reconocer revistas y artículos, además de informaciones sobre congresos y libros relacionados con la aventura y las plataformas *Acácia* y *Árvore da Ciência*. Se percibió un enredo temático relacionada con la aventura, conectando prácticas corporales y prácticas socioambientales a las diversas dimensiones involucradas: ocio, deporte, turismo, movilidad humana, superación de límites, riesgo, seguridad y contacto con la naturaleza. Se observó un crecimiento notable en las áreas de producción y difusión del conocimiento, con muchos nuevos grupos de investigación, revistas, congresos y libros. Se construyó un panorama que permite una visión ampliada de esta densa producción intelectual, aunque de forma preliminar y relativa a los inicios del tema. También permitió ubicar la trayectoria de este tema en toda su diversidad temática, autores en evidencia, tendencias investigativas, conceptos explorados e indicación de vacíos. Aún quedan muchos desafíos para la enseñanza e investigación de la aventura en Brasil, principalmente en relación a su construcción social e histórica, tales como los vislumbrados a lo largo de esta caminata.

Palabras clave: Prácticas corporales de aventura; Producción científica; Genealogía académica; Educación Física; Educación Ambiental.

Preparativos e a consciência da viagem: o que virá pelos caminhos

(...) “ser humano” corresponde essencialmente a uma aventura coletiva:
nós construímos nossas identidades na relação com o outro;
nosso meio ambiente se constrói na junção entre natureza e cultura.
(SAUVÉ, 2016)

A educação na relação natureza e cultura marca o início da trilha e me motiva a caminhar. Trago o presente artigo como resultado das discussões ocorridas durante a mesa-redonda *O Ensino da Aventura na América Latina*, realizada em junho de 2022 durante o 12º. Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA) e 6º. Congresso Internacional de Atividades de Aventura (CIAA), promovido pelo Grupo de Estudos do Lazer (GEL) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

A mesa contou com representantes latino-americanos. **Leila P. Juan**, kayakista, instrutora e professora do Instituto Superior de Formación Docente (Argentina), atuando com didática das práticas na natureza e ao ar livre. **Verónica Gabriela Silva Piovani**, atleta e treinadora uruguaia de *Triathlon*, professora e pesquisadora em Educação Física da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE, Brasil). **Franklin Castillo-Retamal**, professor e pesquisador da área de motricidade humana, educação ambiental e atividades na natureza da Faculdade de Ciências da Educação e diretor do programa de mestrado em Educação Física (Universidad Católica del Maule, Chile).

E no meu caso, fui o mediador. Sou ambientalista e espeleólogo brasileiro, professor pesquisador aposentado da área de educação, ecoturismo e ciências ambientais pelo Centro Universitário Fundação Santo André. Participo de grupos de pesquisas relacionados com educação ambiental, ecoturismo, geografia cultural e, também, com as práticas e o imaginário da aventura, destaque para a espeleologia e as cavernas (FIGUEIREDO, 1998; 2000; 2009; 2010; 2012a; 2022a, 2022b).

Tendo em vista essa formação ampla e diversificada, a mesa iniciou com as ricas trajetórias pessoais dos convidados e algumas considerações sobre o ensino de atividades de aventura nos respectivos países, demonstrando a gama de possibilidades para disseminação do assunto em território latino-americano, ao mesmo tempo, questionava-se as dificuldades e os obstáculos.

Fiquei responsável por falar sobre o Brasil. Recordei que durante o 5º. CBAA (São Bernardo do Campo-SP, 2010), meu primeiro contato com o evento, participei dos debates e depois da criação de um grupo de discussão sobre imaginário e representações da aventura, que denominamos IMAGINAVENTURA, cuja finalidade era articular interessados no tema, compartilhando conceitos, dúvidas, produções, referências, experiências, de modo a realizar pesquisas coletivas, socializar reflexões sobre olhares e fazeres das

atividades de aventura, o papel da emoção e seus aspectos teórico-metodológicos. Averiguando, assim, a prática da aventura em seus múltiplos sentidos, incluindo a questão da educação ambiental e das condutas pró-ambientais. Buscava-se uma visão transdisciplinar e multirreferencial nos estudos sobre práticas corporais de aventura e contato com natureza, em suas diversas modalidades. Avançou-se muito desde então, mesmo que o grupo não tenha conseguido energia para seguir adiante.

Foi a partir dessas discussões durante congressos de aventura e de ecoturismo, que venho me interessando em pesquisar os momentos de aproximação e produção coletiva em redes colaborativas relacionadas ao imaginário da aventura e suas interfaces com a educação ambiental, o ecoturismo e o esporte. Era necessário compreender a trajetória científica desses diversos assuntos, além do papel da universidade nos processos formativos e sua intrincada genealogia acadêmica. Instiguei um primeiro levantamento com um ex-aluno do Curso de Especialização em Educação Ambiental e Sustentabilidade da Fundação Santo André, estimulando reflexões, abrindo possibilidades (FIGUEIREDO; MORENO, 2011).

As mídias sociais em meio eletrônico surgiram como facilitadoras do acesso às informações, abrindo espaços para aprendizagem, trocas e ações coletivas, ampliando a capacidade de articulação e divulgação científica, como conferências eletrônicas, grupos de discussão, e-mail, blogs, sites, *lives*, redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram, YouTube, entre tantos outros formatos interativos). A Plataforma Lattes auxiliou a manter atualizado os dados sobre a atuação de docentes e pesquisadores, que foram se fortalecendo, conectados e interagindo em coletivos científicos.

Surgem nesse momento, as provocações de Bruhns (2009), visando explorar as emoções na constituição dos novos aventureiros, as relações com a natureza, o fortalecimento das afinidades e amizades, a superação dos obstáculos a partir das experiências dos outros, desvelando o desejo de coletividades. Larrosa-Bondía (2002, p. 25) traz outra importante contribuição sobre o significado do saber da experiência, no qual caracteriza o sujeito da experiência, como um elemento que tem: “(...) *algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião*”.

Toda essa experiência acumulada, não decorre apenas das informações disponíveis, sobretudo advêm, das reflexões, debates, construções, (con)vivências. Os eventos, as trocas em coletivos, as publicações tiveram um papel fundamental para a consolidação dessa área de investigação e ação compartilhada. Como ponto de partida para a adentrar no rumo do ensino e da pesquisa da aventura, vejo o papel do conhecimento e das emoções mergulhados em águas turvas e nos labirintos difíceis e obscuros da complexidade conceitual, mostrando-se árduos os caminhos que seriam percorridos para se chegar com esse destaque nas discussões científicas sobre o tema.

A própria conceituação de atividade de aventura, práticas corporais de aventura, esportes radicais, esportes de ação, esportes na natureza, entre outros, tem promovido amplo debate entre pesquisadores (FERNANDES, 1998; DIAS, MELO, ALVES JR., 2007; PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2008; TAHARA; DARIDO, 2016; BANDEIRA; AMARAL, 2020, entre inúmeros outros), levando Pimentel (2013) a indicar que a terminologia segue ainda por caminhos aporéticos, mas concorda que a falta de consenso não implica em que não se pode seguir investigando o assunto. Igualmente a ele, prefiro um termo mais abrangente, como *atividade de aventura*.

Começo a prospecção e me vejo emaranhado em uma infinidade de áreas de conhecimento, conceitos e suas interações. Venho trilhando por muitas delas, de modo transdisciplinar; ou melhor, optei mesmo por seguir em terrenos diferenciados, mais *indisciplinares*, fora da “caixinha” disciplinar, assumindo a proposta feita por Áttico Chassot em 2011 durante uma conferência e registrado posteriormente (2016), mesmo que já houvesse assumido seguir nessa direção (FIGUEIREDO, 2012b). Escolhi, ainda, a abordagem multirreferencial e a pesquisa (auto)biográfica, como forma de aprofundar esses saberes e fazeres, em todas suas intensidades. (FIGUEIREDO, 2022a; 2022b; FIGUEIREDO, FORTUNATO, 2022).

Particularmente, eu saí da educação científica e dos movimentos educacionais de formação docente indo em direção ao ambientalismo, o ecoturismo, sempre conectado com a Educação e, por fim, fui parar nas práticas de aventura, mais especificamente nas caminhadas e na espeleologia, onde a escuridão predominava e era, portanto, necessário iluminá-la. Assim cheguei na geografia cultural e nos fundamentos histórico e filosóficos das relações entre sociedade, cultura e natureza. Essa teia intrincada é apenas um vislumbre de possíveis inter-relações, porém, auxilia-nos a pensar as variadas dimensões envolvidas

na construção do conceito de aventura, onde transitam livres as noções de lazer, recreação, esporte, turismo, motricidade humana, superação de limites, risco e segurança, além do contato íntimo e integrado com a paisagem natural e urbana.

Proponho-me, então, a pensar a AVENTURA entre a ideia de cultura e natureza, entre as práticas corporais e as práticas socioambientais (Mapa Conceitual 1).

Mapa conceitual 1 – A aventura e suas relações entre práticas corporais e práticas socioambientais



Fonte: Elaboração do autor

Tendo em vista esse contexto, o estudo seguiu por um percurso essencialmente qualitativo, exploratório e descritivo, visando recuperar a memória da produção científica inicial e os agrupamentos investigativos que implementaram a pesquisa da aventura no Brasil. Mantenho tom de narrativa autobiográfica, por acompanhar intimamente esse processo, mesmo que estimulado por tantos coletivos. Com isso, procuro fortalecer a perspectiva da emoção e da aventura de ensinar e pesquisar a aventura, contribuindo para entender aspectos do estado da arte relativo à esse assunto. A nossa ventura foi identificar de forma preliminar as instituições, os grupos de pesquisas e os espaços de publicações que abarcam esse conceito. Por ser muito abrangente irei destacar as principais referências do começo dessa jornada temática e sua inserção histórica, ressaltando que o assunto extrapola o campo da educação física.

As fontes utilizadas foram diversificadas, por meio de levantamento bibliográfico e webgráfico, no acervo das principais universidades que atuam com a temática, e principalmente, no curriculum *Lattes*, no diretório de Grupos de Pesquisa do *CNPq*, no *WebQualis* e no *Scielo* para reconhecimento dos periódicos e artigos, além de informações sobre congressos e livros e das plataformas *Acácia* e *Árvore da Ciência* relacionados com a aventura. Foram importantes os dados obtidos em espaços acadêmicos virtuais, como *ORCID*, *Google Acadêmico*, *Academia.Edu*, *ReserchGate*, entre outros. O contato informal com pesquisadores da área foi igualmente útil para o levantamento. Como a abordagem é histórica privilegiou-se referências mais antigas.

Percursos e histórias: o ensino e a pesquisa da aventura no Brasil

Zarpei em direção ao mar turbulento de dados, explorando o assunto. Para isso tive que prospectar regiões obscuras, escavar documentos, preencher lacunas, escalar montanhas de informações, as vezes rastejando por esse material, visando verificar os detalhes, os significados nas entrelinhas e mapear os antecedentes do que está sendo produzido, qual tipo de material e onde estão sendo disponibilizados. Muitos autores fizeram isso (TEIXEIRA; MARINHO, 2010; SOUZA; ARAÚJO, 2016, entre outros), o que propus foi um ensaio de atualização dessas informações e ampliação da abordagem temática, separando em quatro blocos de dados, mas que se interconectam.

- Grupos e Núcleos de Pesquisa

Observo de forma destacada que diversos grupos de pesquisa e centros de formação, relacionados com universidades ou coletivos profissionais têm sido estruturados para analisar o tema da aventura na natureza, as práticas corporais, esportes e lazer, entre outros. Teixeira e Marinho (2010) realizaram um importante estudo sobre o assunto, propiciando luz sobre essa articulação científica e seu perfil.

A minha busca foi realizada em 2022 no *Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil* da Plataforma Lattes (CNPq), a partir dos campos: *nome do grupo*, *nome da linha de pesquisa* e *palavras-chave*, procurando relações com o tema aventura, natureza, ecoturismo, práticas corporais, motricidade humana, dentre outros. Muitas vezes foi necessário acessar sites dos grupos de pesquisa ou das universidades. Procurei identificar todos os grupos possíveis relacionados com a temática, não importando se estavam ou não atualizados os dados, ou inativos. Verifiquei a existência de 43 Grupos de pesquisa, sendo que 8 deles já não estão mais ativos ou foram descontinuados. (Tabela 1).

Tabela 1 - Grupos de pesquisa brasileiros relacionados com atividades de aventura e temas afins (cont.)

NOME DO GRUPO	SIGLA	UNIV.	UF	INÍCIO	ÁREAS
1. Caparaó-Grupo de Pesquisa sobre Natureza	CAPARAÓ	UFMG	MG	2021	- Ciências da Saúde - Educação Física
2. Grupo de Estudos Ambientais	GEA	UERJ	RJ	1995	- Ciências Exatas e da Terra (Geociências)
3. Grupo de Estudos de Lazer e Cultura (INATIVO)	GLEC	FEF-UNICAMP	SP	1995	- Educação Física - Ciências da Saúde
4. Grupo de Estudos do Lazer	GEL	UEM	PR	2000	- Educação Física - Ciências da Saúde
5. Grupo de Estudos e Pesquisa em Esporte, Lazer e Meio Ambiente (INATIVO)	GEPELMA	UNIVASF	PE	2012	- Educação Física - Ciências da Saúde
6. Grupo de Estudos e Pesquisa em Esporte, Lazer e Comunicação	GEPELC	UFG	GO	2005	- Educação Física - Ciências da Saúde
7. Grupo Estudos e Pesquisa em Lazer, Práticas Corporais e Cultura (INATIVO)	GELC	UNIMEP	SP	2010	- Educação Física - Ciências da Saúde
8. Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Corpo, Cultura e Sociedade	GEPECCS	IFPB	PB	2016	- Educação Física - Ciências da Saúde
9. Grupo de Estudos em Esportes e Atividades de Aventura (INATIVO)	GEEAA	PUCCAMP	SP	?	- Educação Física - Ciências da Saúde
10. Grupo de Estudos em Esporte de Aventura Escola	GEEDAE	UNINOVE	SP	?	- Educação Física
11. Grupo de Investigação em Desporto, Educação e Saúde	GIDES	IFCE	CE	2022	- Educação Física - Ciências da Saúde
12. Grupo de Pesquisa e Estudos das Práticas Corporais de Aventura, Esporte e Saúde (INATIVO)	?	IFPB	PB	2020	- Educação Física - Ciências da Saúde
13. Grupo de Pesquisa em Estudos Socioculturais em Educação Física, Esporte e Lazer	ESC	FURG	RS	2019	- Ciências da Saúde - Educação Física
14. Grupo de Pesquisa em Esportes, Lazer e Natureza	GPELN	UFF	RJ	2008	- Educação Física - Ciências da Saúde
15. Grupo de Pesquisa em Lazer (INATIVO)	GPL	UNIMEP	SP	2001	- Educação Física
16. Grupo de Pesquisa Fatores Determinantes e Condicionantes da Demanda Turística	DEMANDATUR	UFSCar-Sorocaba	SP	2013	- Ciências Sociais aplicadas, Turismo
17. Grupo de Pesquisa Hídeas- Segurança Alimentar e Sustentabilidade	HIDEAS	UFRN	RN	2016	- Ciências Sociais aplicadas, Turismo
18. Grupo de Pesquisa Interfaces da Atividade Turística: Planejamento e Gestão	IAT	UNICENTRO	PR	2008	- Ciências Sociais aplicadas, Turismo
19. Grupo de Pesquisa Lazer ao Extremo	GPLE	IFCE	CE	2010	- Educação Física - Ciências da Saúde
20. Grupo de pesquisa Sociedade, Cultura e Turismo: diálogos interdisciplinares	GSCT	IFSP-Barretos	SP	2014	- Ciências Sociais aplicadas, Turismo
21. Grupo de Pesquisa Turismo e Sociedade	GTS	UFPR	PR	2005	- Ciências Sociais aplicadas, Turismo
22. Grupo de Pesquisa em Turismo no Espaço Rural: Planejamento e Gestão	GPTER	IFS	SE	2011	- Ciências Sociais aplicadas, Turismo
23. Grupo de Pesquisas em Lazer, Ambiente e Sociedade	GPLAS	UFPA	PA	2014	- Ciências Humanas, Educação
24. Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer	GIEL	USP/EACH	SP	2008	- Educação Física - Ciências da Saúde

25. Laboratório de Biociências do Movimento Humano	LABIMH	UFRJ	RJ	2005	- Educação Física - Ciências da Saúde
26. Laboratório de Ecoturismo, Percepção e Educação Ambiental (INATIVO)	LEPEA	UFSCar-Sorocaba	SP	2006	- Ciências Ambientais, Turismo
27. Laboratório de Estudos e Pesquisas em Atividade Física e Saúde	LEPAFS	UFPB	PB	2009	- Educação Física - Ciências da Saúde
28. Laboratório de Estudos do Lazer	LEL	UNESP-Rio Claro	SP	2000	- Educação Física - Ciências da Saúde
29. Laboratório de Ginástica e Práticas Corporais	LABGIN	UFES	ES	2010	- Educação Física - Ciências da Saúde
30. Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física	LAPLAF	UDESC	SC	2011	- Educação Física - Ciências da Saúde
31. Laboratório de Pesquisa em Educação Física e Humanidades	MARGEM	UNICAMP	SP	2016	- Ciências Humanas, - Educação
32. Laboratório de Vivências, Artes e Estudos sobre a Cultura, o Corpo e as Práticas Corporais	VIVASEUCORPO	IFMG	MG	2019	- Ciências da Saúde - Educação Física
33. Laboratório do Imaginário e das Representações Sociais sobre Ludicidade, Esporte e Lazer (INATIVO)	LIRES/LEL	Universidade Gama Filho	RJ	2002	- Educação Física - Ciências da Saúde
34. Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Educação Física e Práticas Corporais	?	UniFOA	RJ	2012	- Educação Física - Ciências da Saúde
35. Laboratório Physis de Pesquisa em Educação Física, Sociedade e Natureza (LABPHYSIS)	LABPHYSIS	UFG (antes UFSC)	GO	2007	- Educação Física - Ciências da Saúde
36. Leituras sobre Educação, Saúde, Esporte e Lazer	LESEL	UNIFEBE	SC	2019	- Ciências Humanas - Educação
37. Manifestações de Lazer e Aventura na Natureza	MALAN	UESC	BA	2020	- Educação Física - Ciências da Saúde
38. Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza	NECON	UnB	DF	2002	- Ciências Humanas - Sociologia
39. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer	NEPEFEL	UNIFAP	AP	2009	- Educação Física - Ciências da Saúde
40. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Práticas Corporais, Escola e Sociedade	NEPPCES	IFRJ	RJ	2015	- Ciências da Saúde - Educação Física
41. Núcleo de Estudos Educação Física, Corpo e Sociedade	NECOS	UFJF	MG	2014	- Educação Física - Ciências da Saúde
42. Núcleo de Pedagogia do Esporte e da Educação Física	NUPEEF	UDESC	SC	2009	- Educação Física - Ciências da Saúde
43. Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Lazer	NIEL	UFPE	PE	1996	- Educação Física - Ciências da Saúde

Fonte: Elaboração do autor com base no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. (Ordem alfabética).

O Grupo mais antigo foi criado em 1995, o **Grupo de Estudos de Lazer e Cultura (GLEC)**, ligado a Faculdade de Educação Física da UNICAMP (Campinas-SP), tendo à frente *Heloísa Bruhns*, que formou diversos pesquisadores atuantes na área até hoje, tais como: *Ricardo Uvinha* (USP), *Giuliano Pimentel* (UEM), *Sandoval Villaverde-Monteiro* (IFRN), *Alcyane Marinho* (UDESC), entre outros. Na área de geografia e turismo surge, também em 1995, o **Grupo de Estudos Ambientais (GEA)** ligado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo à frente *Nadja Castilho da Costa* e *Vivian Castilho da Costa*, realizando diversos estudos sobre ecoturismo e gestão ambiental, formando vários pesquisadores que estudam trilhas e áreas protegidas. Organizaram o I Encontro Nacional de Ecoturismo em Unidades de Conservação (ECOUC), em 2005, e o I Congresso Nacional de Planejamento e Manejo de Trilhas (CNPMT), em 2006.

Em 1996 é criado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) o **Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Lazer (NIEL)**, tendo como líder *Tereza Luiza de França*, lançando a questão do esporte de aventura, lazer e natureza no território nordestino.

O início do ano 2000 foi profícuo para a área de motricidade humana e aventura, com a criação do **Laboratório de Estudos do Lazer (LEL)**, vinculado à UNESP-Campus Rio Claro, tendo outra professora-pesquisadora como líder, *Gisele Schwartz*, importante formadora e articuladora de pesquisadores, criando um grande polo investigativo sobre a aventura em São Paulo e no Brasil, sendo ela responsável pela idealização e realização do CBAAs e CIAAs. No mesmo ano é criado o **Grupo de Estudos do Lazer (GEL)**, relacionado com a UEM, tendo como líder *Giuliano Pimentel*, que em 2022 coordenou o 12º. CBAAs e 6º. CIAAs, além disso, tem atuado na pesquisa e na formação e articulação profissional para a temática esporte, lazer e práticas corporais de aventura e suas possibilidades escolares.

A maioria dos grupos de pesquisa que possuem linhas relacionadas com práticas corporais ou aventura na natureza e temas afins, estão correlacionados com as áreas de Educação Física e Ciências da Saúde, mas também ao Turismo, Ciências Sociais Aplicadas e Educação e surgiram a partir de meados dos anos 2000. Desses núcleos investigativos a maioria deles (32 grupos) está associado às universidades da região Sudeste e Nordeste brasileiro. Os demais grupos investigativos estão localizados na região Sul, Centro-Oeste e Norte. Predominam universidades públicas (37), sendo 27 federais e 10 estaduais.

Existem muitos espaços de investigação e aglutinação de pesquisadores da aventura, além disso, várias universidades criaram programas ou linhas temáticas para estudar as atividades de aventura ou práticas corporais na natureza no contexto brasileiro, atendendo à demanda relacionada ao assunto de modo a gerar conhecimento em trabalhos de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado, estimulando a difusão em outros tipos de publicação. Souza e Araújo (2016) fizeram um levantamento inicial sobre o avanço dessa produção científica.

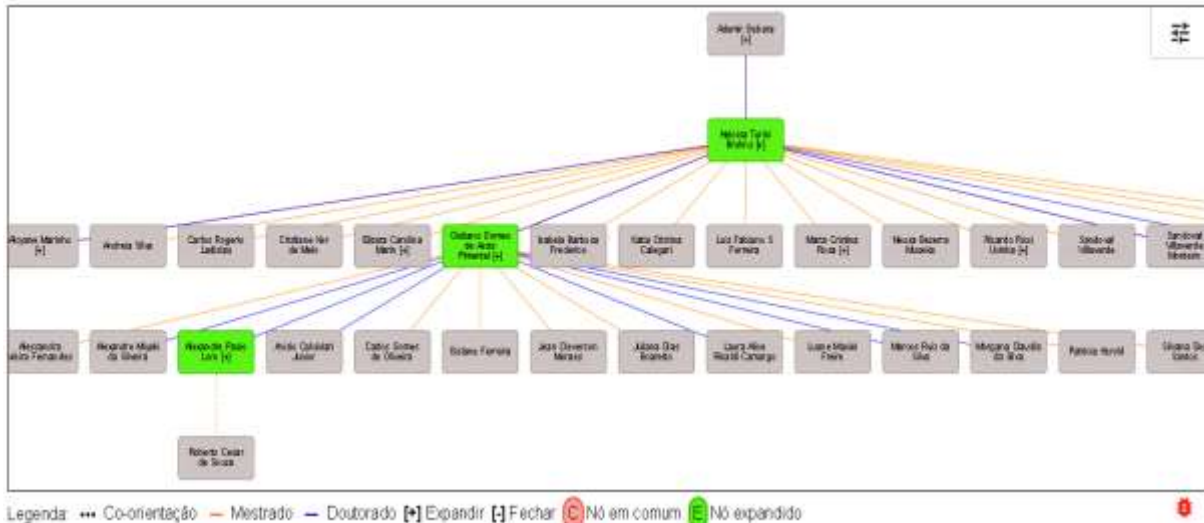
Pelo *Lattes*, pode-se inferir ao menos três polos iniciais formadores sobre a aventura: *Heloísa Bruhns* (UNICAMP) com orientações consolidadas a partir de 1997, *Vera*

Costa (UGF) a partir de 2001 e Gisele Schwartz (UNESP-Rio Claro) em 2003, fortalecendo essa produção em seus respectivos grupos de pesquisa: GLEC (SP), LIRES (RJ) e LEL (SP).

A genealogia acadêmica vem sendo estudada por diversos autores (MENA-CHALCO, 2015; 2016; HILÁRIO, CASTANHA; GRÁCIO, 2017; COTA, LAENDER; PRATES, 2021). Ela permite identificar o nível de parentesco intelectual e herança decorrente de quem orientou quem no processo de formação para a pesquisa científica, no caso: as atividades de aventura. Existem diversas plataformas para a elaboração de árvores genealógicas acadêmicas: *Árvore da Ciência* (ScienceTree), *Plataforma Acácia*, *Neurotree*, entre outras. Na Figura 1 ilustramos uma dessas possibilidades de visualização de alguns ramos da descendência acadêmico-científica da professora e pesquisadora *Heloísa Turini Bruhns*. Observa-se que sua atuação chegou a três gerações acadêmicas, que continuam firmemente com o propósito de formação de pesquisadores da aventura.

Figura 1 – Genealogia acadêmica de Heloísa Bruhns e suas descendências, exemplo de Giuliano Pimentel

Árvore de Heloísa Turini Bruhns



Fonte: Gerado pelo autor por meio da Plataforma *Árvore da Ciência* (30 mar. 2023).

- Congressos e eventos científicos

Os congressos são importantes espaços de divulgação científica. Esses eventos propiciam dar visibilidade para a produção original dos pesquisadores e intercâmbio de

experiências entre iniciantes e veteranos. Os trabalhos publicados na forma de artigos para os Anais dos Congressos ou edições especiais de periódicos científicos, permitem ampliar os conhecimentos sobre o temário da aventura ocorrem, ainda, debates em mesas-redondas, comunicação oral e pôsteres, difundindo os estudos realizados.

Na Tabela 2 indicam-se os eventos mais importantes associados ao tema, como os congressos de aventura e os da área de educação física e lazer, porém, despontam, igualmente, os eventos de turismo, educação ambiental, áreas protegidas, trilhas, ciências florestais e espeleologia, por fazerem reflexões sobre a relação entre aventura, sociedade e natureza, incluindo práticas educativas, lazer e/ou turismo de base comunitária em suas temáticas e espaços de discussão.

Devido à esse grande universo, destacarei apenas a produção nos congressos brasileiros e nos congressos internacionais de atividades de aventura (CBAA/CIAA). Nos quais o tema da aventura é o destaque aglutinador de pesquisadores e praticantes. Não foi possível neste momento empreender análise aprofundada dessa produção.

Tabela 2 – Congresso e eventos científicos associados ao tema aventura e afins (blocos por área)

CONGRESSO/EVENTO	ANO (1ª.edição)
Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA) e Congresso Internacional de Atividades de Aventura (CIAA)	2006
Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte (CONBRACE)	1979
Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL)	1989
Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer (CBEL)	2014
Fórum Brasileiro de Educação Ambiental (FBEA)	1989
Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental (Nacional)	2006
Encontro Nacional de Turismo de Base Local (ENTBL)	1997
Congresso Nacional de Ecoturismo (CONECOTUR) e Encontro Nacional de Ecoturismo em Unidades de Conservação (ECOUC)	2005
Congresso Nacional de Planejamento e Manejo de Trilhas (CNPMT)	2006
Congresso Florestal Brasileiro (CFB)	1953
Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação (CBUC)	1997
Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social (SAPIS) e Encontro Latino-Americano de Áreas Protegidas e Inclusão Social (ELAPIS)	2005
Congresso Brasileiro de Espeleologia (CBE)	1964

Fonte: Elaboração do autor. (Ordenado em blocos temático e cronológicos)

A primeira edição do CBAA ocorreu em 2006 no estado de Santa Catarina, contando com a participação de 70 inscritos e 61 trabalhos em comunicações orais. O evento ocorreu de forma anual entre 2006 e 2012 e a partir da criação do CIAA o evento passou a ser bienal. Foram ao todo 769 trabalhos publicados, divididos entre comunicações orais e pôsteres,

sendo uma média de 64 trabalhos por congresso em 12 edições (2006-2022). (Figura 2, Tabela 3).

Observou-se uma diversidade de temas (modalidades, roteiros, práticas, condutas, emoções, risco, inclusão, meio ambiente, tecnologias, contexto educacional, processos formativos, gênero, imaginário, aspectos históricos, fisiológicos e psicológicos, relatos e avaliação de experiências, tantos outros temas). Houve boa participação, elevado nível nos debates e alta produtividade científica nos eventos. A área de educação física e ciências da saúde aparecem em destaque, seja na organização, seja nos artigos publicados.

Outra questão importante é a presença destacada de praticantes de atividades de aventura nas produções acadêmicas, isso torna o evento ainda mais interessante e diverso. Sendo assim, temos pesquisadores-praticantes que mergulham na suas atividades de aventura, visando compreensões, representações, reflexões, fundamentações sobre suas próprias práticas.

Figura 2 – Logotipos dos Congressos Brasileiros de Atividades de Aventura (CBAA)



Fonte: Elaboração do autor, adaptado de material do LEL.

Tabela 3 – Informações gerais sobre o CBAA e CIAA, locais e participação

EDIÇÃO	ANO	INSTITUIÇÃO	LOCAL	UF	TEMA	N. PARTI	ANAIS/ PUBL	TOTAL- Trabalhos
1CBAA	2006	LEL/UNESP-Rio Claro	Balneário Camboriú	SC	A aventura no Brasil	70	sim	61
2CBAA	2007	LEL/UNESP-Rio Claro/UNIVALE	Governador Valadares	MG	Atividades de aventura e desenvolvimento regional	142	sim	56
3CBAA	2008	LEL/UNESP-Rio Claro/ESFA	Santa Teresa	ES	Conquistando novas vias	230	sim	57
4CBAA	2009	LEL/UNESP-Rio Claro/FTC	Mucugê	BA	Nas trilhas do conhecimento sobre aventura	250	sim	54
5CBAA	2010	LEL/UNESP-Rio Claro/PMSBC	São Bernardo do Campo	SP	Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura	272	sim	86
6CBAA	2011	UFPel/FURG/UCPel/IFSul	Pelotas	RS	Esporte e turismo: parceiros na sustentabilidade nas atividades de aventura	320	sim	77
7CBAA/1CIAA	2012	LEL/UNESP-Rio Claro	Rio Claro	SP	Tecnologias e atividades de aventura		sim	96
8CBAA/2CIAA	2014	UVV	Vila Velha	ES	Dimensões, avanços e legados		sim	62
9CBAA/3CIAA	2016	UFLA	Lavras	MG	Uma aventura olímpica		sim	63
10CBAA/4CIAA	2018	UFVJM	Diamantina	MG	Aventura e saúde: desafios e perspectivas		sim	52
11CBAA/5CIAA	2021	LEL/UNESP-Rio Claro/UFG	on line (pandemia)	não	Atividades de aventura e educação ambiental: desafios contemporâneos		sim	48
12CBAA/6CIAA	2022	GEL/UEM/UNINTER	Maringá	PR	A aventura de ensinar a aventura	197	sim	57

Fonte: Elaboração do autor.

- Publicações em periódicos científicos

Tendo como ponto de partida o importante levantamento da contribuição científica em periódicos nacionais realizado por Sousa e Araújo (2016), segui em busca de complementar esses dados e verificar outros campos do saber envolvido com a aventura; acercando-me do turismo, educação ambiental e saúde. Os dados foram obtidos na Plataforma Sucupira (CAPES), também em curriculum Lattes de pesquisadores, em citações de artigos de periódicos e ordenados por classificação e cronologia (Tabela 3).

Foram identificados 39 periódicos de âmbito nacional e internacional (português, inglês e espanhol), contendo artigos relacionados com: aventura, esportes, lazer, meio ambiente e turismo. Apesar de existirem periódicos desde os anos 1960, verifica-se que a temática irá ganhar força como produção acadêmica elaborada para revistas científicas a partir dos anos 1990. Muito provavelmente sofrendo influências da crescente discussão sobre a questão ambiental, ressaltando-se com a ocorrência da Conferência Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU no Rio de Janeiro em 1992 (Rio-92).

As primeiras contribuições sobre o tema aventura em periódicos do âmbito internacional que influenciaram mais diretamente no Brasil foram para as revistas: *Apunts* (INEFC-ES) e *Lecturas-Educación Física y Deportes* (AR). Entre as revistas nacionais, deve-se destacar: *Conexões* (UNICAMP), *Motrivivência* (UFSC), *Motriz* (UNESP), *Motus Corporis* (UGF), *Movimento* (UFRGS) e *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* (CBCE). Na área de turismo e meio ambiente, ressalta-se a *Turismo em Análise* (USP), *Turismo: Visão e Ação* (UNIVALI), *Revista Brasileira de Ecoturismo* (UNIRIO/UNIFESP), *Caderno Virtual de Turismo* (COPPE/UFRJ), *Revista Brasileira de Educação Ambiental* (UNIFESP) e a *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental* (FURG). (Tabela 3).

A análise realizada destaca apenas as primeiras e principais publicações nesses periódicos, caracterizando o impacto inicial da temática e suas contribuições.

Tabela 3 – Periódicos relacionados com atividades de aventura e temas afins (continua)

Clas.	Periódico	Instituição/País	início
A1	- Leisure Studies	Leisure Studies Association (UK)	1982
	- Annals of Leisure Research	Australia and New Zealand Association of Leisure Studies (AU/NZ)	1998
A2	- Cadernos de Saúde Pública	FIOCRUZ	1985
	- Movimento (Porto Alegre – online)	UFRGS	1994
	- Motriz: Rev. de Educação Física (online)	UNESP-Rio Claro	1995
A3	- Journal of Leisure Research	National Recreation and Park Association (US)	1969
	- Revista Brasileira Educação Ambiental	REBEA/UNIFESP	2004
	- Esporte e Sociedade	UFF	2005
A4	- Apunts: Educación Física y Deportes	INEFC (ES)	1985
	- Lecturas: Educación Física y Deportes	EFDEPORTES (AR)	1997
	- Rev. El. Mestrado em Educ. Ambiental	FURG	1999
	- Coleção Pesquisa em Educação Física	Fontoura Editora	2007
	- Podium: Sport, Leisure and Tour. Review	UNINOVE	2012
B1	- Revista da Educação Física/Journal of Physical Education (Online)	UEM	1977
	- Revista Brasileira de Ciências do Esporte	Colégio Bras. Ciências do Esporte	1979
	- Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (ex- Rev. Paulista de Educ Fís)	Escola de Educação Física e Esportes (EEFE-USP)	1986/ 2004
	- Turismo em Análise	ECA-USP	1990
	- Turismo: Visão e Ação	PPGTH/UNIVALI	1998
	- Journ. Adv Educ. And Outdoor Learning	Institute of Outdoor Learning-IOL (UK)	2000
	- Caderno Virtual de Turismo	Laboratório Tecnologia, Diálogos e Sítios (LTDS) COPPE/UFRJ	2001
	- Motricidade	Universidade de Beira Interior/ Sílabas Didáticas Edições (PT)	2005
	- Rev. Pesquisa em Educação Ambiental	UNESP-Rio Claro, UFSCar, FFCLRP-USP, UNIFEI, UFPR	2006
	- Revista Brasileira de Ecoturismo	UNIRIO e UNIFESP	2008
	- Motricidades	Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana	2017

B2	- Motrivivência	UFSC	1988
	- Licere (Online)	Centro de Estudos de Lazer e Recreação-UFMG	1998
	- Pensar a Prática (Online)	Faculdade Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG)	1998
	- Turismo e Sociedade	Departamento de Turismo (UFPR)	2008
	- Revista Brasileira de Estudos do Lazer	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer	2014
B3	- Revista Brasileira de Ciência e Movimento	Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul – CELAFISCS e Universidade Católica de Brasília – UCB	1987
	- Conexões: Educação Física, Esportes e Saúde	Faculdade de Educação Física (FEF-UNICAMP)	1998
B4	- Corpoconsciência	Faculdade de Educação Física (UFMT) (versão anterior-FEFISA, 1997-2014)	1997/ 2015
	- Arquivos em Movimento	EEFD (UFRJ)	2005
Não Classificado	- Journal of Sport Tourism	Routledge-Taylor and Francis Online	1993
	- Revista <i>Motus Corporis</i>	Universidade Gama Filho (UGF)	1993
	- Caderno de Educação Física e Esporte	UNIOESTE	1999
	- Revista Bras. de Educ. Física Escolar	Edição independente coletiva	2003
	- Arquivos de Ciências do Esporte	UFTM	2013
	- Revista Ecoturismo e Conservação	PPGEC-UNIRIO	2020

Fonte: Elaboração do autor, baseado no Novo Qualis ou na avaliação para Educação Física e afins.

Os primeiros artigos publicados em periódicos nacionais foram voltados para a área de turismo e geografia, destacando-se a revista **Turismo em Análise**, com ênfase para questões relacionadas com a demanda do ecoturismo, a sustentabilidade e os impactos socioambientais (RUSCHMANN, 1992; 1993; TULIK, 1992).

A partir de 1995, as contribuições dos irmãos Javier e Alberto Olivera-Betrán do Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha (INEFC) para a revista **Apunts**, influenciaram muitos pesquisadores brasileiros; sendo, sem dúvida, os artigos mais citados nos estudos sobre a aventura. Suas investigações enfocam questões socioculturais, análise de demandas específicas (Barcelona, setor empresarial) e propostas para a classificação das Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFANs) (OLIVERA-BETRÁN, J.; 1995; OLIVERA-BETRÁN, J.; OLIVERA-BETRÁN, A., 1995; OLIVERA-BETRÁN, A.; OLIVERA-BETRÁN, J., 1995; 1998; 1999; 2016).

A questão específica da aventura e suas relações com lazer, meio ambiente e turismo surgiram no âmbito dos estudos de educação física e motricidade humana. Em 1997 três autores contribuíram com artigos para a **Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)**. Heloisa Bruhns (1997), em um *paper* muito citado, discute sobre lazer e meio

ambiente, destacando o corpo em busca do verde e da aventura, no qual discorre sobre as visitas à natureza e as atividades esportivas diferenciadas, que promovam experiências corporais no contato direto com a natureza, e pondera o distanciamento da sociedade humana com a paisagem natural, colocando a corporeidade e os esportes de aventura como possibilidade de reaproximação com a natureza. A autora continua a temática em outros artigos, na mesma revista e ainda na revista **Conexões** (BRUHNS, 1999a; 1999b).

Voltando ao caminho da aventura na **RBCE**, Ana Márcia Silva (1997) tece considerações filosóficas e sociológicas sobre a problemática da dominação humana da natureza, gerando uma “crise ecológica”, entretanto, ressalta que não tem a intenção de fundamentar sua reflexão em uma ecologia da corporeidade. Assim, ela resgata Guattari (1990) e suas “três ecologias” (a do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana), como forma de repensar o corpo na natureza.

O ensaio produzido por Humberto Inácio (1997, p. 136) para esse mesmo número da RBCE, trata da questão da educação física e da “ecologia”, como dois possíveis pontos de partida para o debate. Ele reflete sobre os chamados *esportes ecológicos* ou *esportes radicais* e seu inevitável acercamento com a lógica da competição, do consumismo e da mercadoria, e questiona esse modelo, reforçando sobre a necessidade de revisão de valores para que a atividade corporal seja ecologicamente correta, procurando levar “(...) o Ser Humano a perceber a natureza dentro de si mesmo”.

Nesse mesmo ano, Ivana Ribeiro (1997) publicou na revista **Motriz** um artigo, baseado em sua pesquisa de mestrado, que discute sobre as perspectivas ecológicas de uma educação corporal, ressaltando a necessidade de que seja uma educação de corpo e alma, rumo a uma proposta de melhor qualidade de vida, salientando a importância da ludicidade e da sensibilização.

O final dos anos 1990 e início dos anos 2000 foram muito frutíferos para a produção científica em periódicos nacionais sobre a aventura. A questão da relação entre aventura e risco nos esportes na natureza é destacada por Vera Costa e Manoel Tubino (1999) na revista **Motus Corporis**. Nessa mesma revista é publicado um artigo de Gisele Schwartz (2001) sobre o corpo sensível como espaço ecológico.

A **RBCE** continua com elevada produção sobre a temática da aventura e lazer, fruto de congressos, trazendo números com diversos artigos sobre o assunto. Alcyane Marinho (1999a) propõe discussões sobre a relação sensível entre natureza e sociedade. Carlos Rogério Ladislau (1999a) comenta sobre suas primeiras aproximações do tema esporte, lazer e intervenção ambiental. No mesmo número Sandoval Villaverde (1999a) fornece elementos para intervir e debater sobre lazer e meio ambiente em parques públicos. Marinho (2001a) retoma o seu tema no mesmo periódico, discutindo sobre o compartilhamento das emoções na relação lazer, natureza e aventura.

Outro importante periódico com contribuições nesse período é a revista **Conexões**. Além dos aportes de Bruhns, já mencionados, traz Rita Fernandes (1998) e suas referências para um estudo acadêmico em iniciação científica, no qual a autora propõe analisar aspectos históricos e as dificuldades em torno do termo esportes radicais. Alcyane Marinho publica dois artigos, durante a época da sua pesquisa de mestrado, no primeiro deles ela faz reflexões sobre a possibilidade de reconexão do ser humano com a natureza, mesmo em uma sociedade “tecnicizada”, por meio dos esportes na natureza. (MARINHO, 1999b). No outro artigo (MARINHO, 1999c), a autora trata de um tema controverso; ela toma como base o texto de Bart Vanreusel (1995) para refletir sobre a necessidade de novas sensibilidades e de compartilhamento social para sair da dicotomia forçada entre a inserção perfeita do ser humano no ambiente natural (Bambi) ao humano destruidor e poluidor por onde passa em atividades na natureza (Rambo) e questiona os aspectos vice-versa.

Nesse volume especial da revista **Conexões**, reaparecem Carlos Ladislau e Sandoval Villaverde. Diga-se de passagem, Marinho e eles eram orientandos de mestrado de Heloisa Bruhns (FEF-UNICAMP). Ladislau (1999b) envereda pelo que ele chamou de diálogo de espelhos, refletindo e questionando sobre a situação da natureza frente ao homem e do homem perante a natureza, visto pela ótica do lazer na natureza. Por sua vez, Villaverde (1999b) reforça a discussão sobre espaços ecológicos para as atividades de lazer e o papel dos parques públicos urbanos, como no case de um parque em Campinas (SP), parte de sua dissertação de mestrado, no qual ele questiona o adjetivo “ecológico” e as contradições decorrentes desse tipo de atribuição à esses espaços públicos.

Ainda no início do século XXI, temos diversas contribuições em revistas da área de Educação Física, Esportes e Lazer. O periódico **Motriz** traz dois artigos, fruto das conferências apresentadas durante o II Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e VIII Simpósio Paulista de Educação Física. O primeiro é de Bruhns (2001) e trata sobre a possibilidade de uma experiência sensível na relação entre esporte e natureza, fala da natureza como cenário e enquanto experiência, que transitam entre sensações, sentidos e sentimentos, indicando o necessário apoio da educação ambiental.

No segundo *paper*, Célia Serrano (2001), parceira de Bruhns no Núcleo de Estudos e Pesquisa Ambientais (NEPAM-UNICAMP), traz como tema “a educação pelas pedras”, embarcando implicitamente na metáfora do poema de João Cabral de Melo Neto; com isso ela traz para a discussão das viagens à natureza as interfaces do ecoturismo e da educação ambiental. A autora pondera que apesar da apropriação dessas atividades pelo mercado e pela lógica capitalista, pode-se dirigir a potencialização dessas práticas, desde que somemos “(...) esforços na direção da cooperação, da solidariedade, da criatividade e da apreensão sensível da natureza, de nós mesmos e do mundo (...)”.

A revista **Licere** publica um artigo de Marinho (2001b), que é o resumo da sua dissertação de mestrado, sobre escalada esportiva e as relações entre a busca da natureza e os ambientes artificiais. E continuam afluindo contribuições de autores com alta produção sobre a aventura em diversos periódicos. Destaco a revista **Movimento**, quando Marinho e Bruhns (2001) retomam a questão da escalada esportiva, e delineiam melhor sobre a conquista de espaços urbanos, como forma de fortalecimento de vínculos, de amizades duradouras, como reação ao individualismo preponderante. Esses grupos de escalada surgem como forma de resistência “(...) frente ao processo de racionalização e à desordem das cidades (...)”.

A revista **Motrivivência** também publica artigos nesse período. Devo destacar o de Marinho e Schwartz (2001a), que descrevem a atuação Laboratório de Estudos do Lazer (LEL), que havia sido recém-criado na UNESP-Campus de Rio Claro, indicando todo seu potencial de investigação sobre lazer, natureza e aventura. Ainda nessa edição, Samuel Guimarães (2001) em seu artigo recupera as contribuições à ecosofia de Félix Guattari e

adentra em questões filosófica com as quais vai discorrer sobre corporeidade na relação corpo ecológico-corpo dialógico, evitando a insatisfação do próprio corpo e mesmo o isolamento social. Ironicamente, naquela época, o isolamento deveria ser evitado.

Retomando o foco ao período entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000 é necessário mencionar as contribuições de revistas de turismo. Em **Turismo: Visão e Ação**, aparecem conhecidos autores na área de ecoturismo. Ruschmann (1998), discorrendo sobre a ética nos serviços oferecidos no setor de Ecoturismo, enfatiza que pode estar ameaçada a oferta turística para o convívio com os ambientes naturais, destacando as comunidades receptoras, o patrimônio sociocultural, a autenticidade e a originalidade desses sítios ecoturísticos, por isso sugere um código de ética nas práticas empresariais relacionadas com o tema. Nessa mesma edição, Paulo Pires (1998), destacado pesquisador que estuda os fundamentos do ecoturismo, elabora um artigo sobre a dimensão conceitual do ecoturismo e retoma o tema em outro artigo (PIRES, 2000). Ruschmann (2000) traz novos questionamentos se o turismo ecológico no Brasil é um novo nicho de mercado ou se será necessário um empenho para atingir a sustentabilidade, incluindo contribuições da educação ambiental. Já o artigo produzido por Niefer, Silva e Amend (2000) analisa o perfil dos visitantes do Parque Nacional de Superaguí (PR), realizando entrevista para identificar se os visitantes podem ser chamados de ecoturistas ou não.

Surgem novas contribuições na revista **Turismo em Análise** para a temática do ecoturismo, turismo de aventura e recreação em áreas naturais protegidas. Paes-Luchiari (2000) discute sobre a mitificação dos lugares turísticos a partir da valorização estética das paisagens naturais e também às concepções de meio ambiente, impondo novas territorialidades com forte componente simbólico; mesmo o planejamento turístico parece não impedir e ainda acaba reforçando essa mitificação, o que ela questiona e pondera sobre possibilidades e necessidades. Em outro artigo, Stigliano (2000) traz à arena temática a questão da atividade *off-road*, conhecida pelos percursos feitos com veículos “fora-de-estrada”. A autora questiona se pode considerar esse tipo de prática como um turismo de aventura e traça uma classificação das condições de realização da atividade, o perfil dos praticantes, exemplos de lugares, e fecha nas questões éticas.

Para fechar a produção inicial relativa ao turismo na natureza, na revista **Turismo em Análise** aparecem alguns importantes artigos. Neiman e Mendonça (2000) adentram o terreno pantanoso do mosaico produzido pelo discurso ecoturístico e a sua situação na relação entre desejo e realidade. Para isso transitam entre questões históricas, aspectos psicológicos, contos de fadas, músicas, dimensões éticas e estéticas para situar a relação sociedade-natureza e nos levar às viagens em áreas naturais, demonstrando a importância da educação ambiental, as potencialidades e os aspectos construtivos do ecoturismo. Na mesma trilha, Marinho e Schwartz (2001b), promovem visita a uma caverna em Ipeúna (SP), descrevendo a experiência de sensibilização no ambiente cavernícola, desenvolvida com alunos da UNESP, Campus Rio Claro. Assim, realizam diversas dinâmicas e atividades a fim de trabalhar a expressão da imaginação, da experimentação criativa, aspectos da individualidade e os momentos coletivos, situações sensitivas e ainda a expressividade corporal. E para fechar, menciono o trabalho de Takahashi, Milano e Vasconcellos (2001), especialistas na questão do ecoturismo e das trilhas interpretativas, que analisam o perfil comparativo dos visitantes de duas áreas protegidas do Paraná, visando o planejamento e gestão dessas áreas.

- Publicações em livros, coletâneas e outros documentos

Os primeiros livros sobre a questão da aventura percorriam e circulavam entre a temática do ecoturismo, viagens, lazer, educação ambiental e esportes. Todavia, posteriormente irão focar mais a motricidade humana e as práticas corporais, consolidando a educação física como o centro da produção sobre o assunto, apesar daquelas outras áreas continuarem concretizando importantes contribuições.

Pode-se considerar que o primeiro livro especificamente sobre aventura, de caráter técnico, foi elaborado por um montanhista e aventureiro, Sérgio Beck (1989), que começou suas atividades no *Centro Excursionista Universitário* (CEU-USP); atuou produzindo mochilas, livros e equipamentos para caminhadas, montanhismo e espeleologia. Devo ainda mencionar os livros sobre espeleologia, de caráter mais abrangente, produzidos por Lino e Allievi (1980) e Lino (1989), também oriundos do CEU.

Publicações traduzidas forneceram elementos para aproximar lazer, aventura e meio ambiente, fortalecendo bases e caminhos juntos com a percepção ambiental, a topofilia, a ecosofia, o ecoturismo, o turismo de aventura, a psicologia ambiental, as questões socioculturais, entre outros campos do saber. Um autor bastante citado é o geógrafo Yi-Fu Tuan (1980), por sua importante contribuição ao conceito de *topofilia*, que seria a sensação de pertencimento aos lugares, e ele traz diversos exemplos e situações relativas à atitudes e valores ao meio ambiente. Outro autor, bastante citado, é Guattari (1990), que contribuiu com a questão de pensar para além da “ecologia do meio ambiente”, trazendo as três ecologias para o campo de discussão, destacando a igual importância de uma ecologia das relações sociais e das subjetividades humanas, como bases para a ecosofia.

Dentro do campo da Sociologia temos as produções de Joffre Dumazedier (1973), acerca da conceituação de lazer, uso do tempo livre e cultura popular, Jost Krippendorf (1989), que investiga o lazer e as viagens para a sua “Sociologia do Turismo” e John Urry (1996), que discute a importância do turismo como fenômeno social sob o olhar do turista. Ainda na Sociologia, autores bastante mencionados são Michel Maffesoli (1998), principalmente com o conceito de tribos urbanas e Domenico De Masi (2000) que pondera a sociedade contemporânea pela ideia do ócio criativo. Ainda na linha das reflexões e contextualização do lazer destaca-se o livro de Nelson Marcellino (1996).

Na área do ecoturismo e das atividades na natureza aparece a coletânea promovida pela *The Ecotourism Society*, organizada por Lindberg e Hawkins (1995), que falam de planejamento ecoturístico, gestão de áreas protegidas, os aspectos econômicos e administrativos envolvidos, além fincarem as bases na ideia de que o ecoturismo deve ter forte vínculo com as comunidades locais. Também a questão da convivência e das brincadeiras na natureza são materiais traduzidos e difundidos no Brasil. Joseph Cornell (1996; 1997), trabalha os aspectos lúdicos e didáticos de práticas compartilhadas na natureza. As bases conceituais do ecoturismo e ainda a questão do turismo sustentável ou mesmo do turismo de aventura são temas de publicações traduzidas ou nacionais, influenciando pesquisadores das viagens na natureza (SWARBROOKE, 2000; WEARING; NEIL, 2001; FENNELL, 2002; SWARBROOKE *et al.*, 2003; MITRAUD, 2003).

No Brasil, já haviam diversas atividades com enfoque da aventura, como as caminhadas, o excursionismo, campismo, montanhismo, cachoeirismo, mergulho, esportes aquáticos, entre outras. Do ponto de vista oficial, a EMBRATUR havia lançado a ideia do ecoturismo em meados dos anos 1980, mas somente com a publicação das *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo*, parceria entre a EMBRATUR e o IBAMA, que irá dar as bases nacionais para estruturação de um plano de difusão e desenvolvimento da temática, conceituando o ecoturismo, seus marcos referenciais, objetivos, estratégias e os atores envolvidos (BRASIL, 1994).

No campo da educação ambiental temos diversas produções com fortes influências da Rio-92 (ICAE, 1992). Fazem balanço da trajetória do tema no mundo e suas influências no Brasil, ou analisam os discursos, as dimensões educativas, éticas, os fundamentos filosóficos e relatos de experiências (CARVALHO, 1991; 2001; DIAS, 1992; REIGOTA, 1994; 1995; VIEZZER; OVALES, 1995; GUIMARÃES, 1995; 2000; GRÜN, 1996; PÁDUA; TABANEZ, 1997; BRASIL, 1998; PEDRINI, 1998; GUTIERRÉZ; PRADO, 1999; LOUREIRO; LAYRARGUES; CASTRO, 2000, e muitos outros). Com relação à percepção ambiental, uma coletânea nacional traz luzes ao debate (DEL RIO; OLIVEIRA, 1996). Quanto à criação das áreas protegidas, destaco o estudo de Antonio C. Diegues (1996), que trava a discussão no “mito da natureza intocada”, bastante mencionado no ensino e pesquisa da aventura. É necessário destacar, do ponto de vista filosófico e conceitual da questão ambiental, os importantes aportes de Enrique Leff (2001; 2002; 2003).

No meio acadêmico sobre ambiente e viagens, temos a coletânea organizada por Célia Serrano e Heloisa Bruhns (1997), que é uma das pioneiras sobre viagens à natureza. Elas apresentam a coletânea como um ponto de partida e um importante passo para compreender o porquê da ampliação do interesse para os temas relativos à questão ambiental, buscando junto com outros autores uma compreensão crítica sobre as representações sociais e esse crescente interesse por viagens aos ambientes naturais. Viam, de um lado, um maior destaque para a proteção ambiental, por outro, ponderavam sobre a questão do consumismo e mercantilização dessas práticas e sua autenticidade. Destacam-se, Serrano, que discute sobre turismo, proteção ambiental e unidades de conservação, enquanto Bruhns adentra em diálogo crítico sobre a questão do corpo visitando a natureza.

Outros autores bastante citados na área de turismo e meio ambiente, ambos da ECA-USP são: Américo Pellegrini Filho (1993) e seu trabalho de livre-docência, relacionando ecologia, cultura e turismo, e Dóris Ruschmann (1997), que a partir de sua tese de doutorado, trouxe elementos para discutir sobre planejamento do turismo e a problemática da proteção ambiental.

Do ponto de vista das coletâneas, algumas decorrentes de congressos na área de turismo, geografia e áreas protegidas, identifico as organizadas por: Lemos (1996), Rodrigues (1997), Vasconcelos, (1998), Irving e Azevedo (2002), entre outros.

Gostaria de destacar as coletâneas estruturadas por Adyr Rodrigues e Fábio Vasconcelos, baseadas nos primeiros Encontros Nacionais de Turismo de Base Local. Não só pela qualidade dos diversos artigos publicados, mas, tomo a liberdade para dizer, que foi aí que publiquei meus primeiros artigos em livro sobre o assunto. No primeiro (FIGUEIREDO, 1997) eu faço reflexões e discuto o papel da educação ambiental na interação entre ecoturismo, gestão de áreas protegidas e participação das comunidades locais, fruto das minhas vivências nos anos 1980 na porção paulista da Serra do Mar, em destaque Paranapiacaba (Grande ABC/Baixada Santista) e a região do Vale do Ribeira. Descrevo melhor essas experiências em Figueiredo (2022a), antes aprofundei sobre a pedagogia dos conflitos socioambientais no Alto Vale do Ribeira como pesquisa de mestrado (FIGUEIREDO, 2000, 2022b). No outro artigo (FIGUEIREDO, 1998), mapeio o turismo em cavernas no Brasil, traçando um “panorama entre a escuridão e as luzes”; ressaltando que na época ainda não havia o termo espeleoturismo e pouco havia sobre espeleologia como um todo. O termo espeleoturismo somente surgiria em evidência na publicação de Marra (2001).

Ainda com relação à coletânea realizada por Vasconcelos, é importante mencionar mais uma contribuição de Bruhns (1998, p. 165), na qual a autora fala de visita à natureza como experiência de intensidades, analisando a questão do consumo de imagens e signos, criando nichos de consumo, de espetáculo, mas também adentra no ponto de vista estético, a questão do prazer, do aventureiro como conquistador, do simulacro, do herói, além de elementos que “(...) revelam uma ambiguidade, uma incerteza, uma improvisação, uma não-linearidade, incorporando um visão do caos”.

O início dos anos 2000 vem cheio de publicações coletivas, diversificando-se entre ecoturismo, áreas protegidas, esportes e turismo de aventura, lazer e estilo de vida (SERRANO, 2000; SERRANO; BRUHNS; PAES-LUCHIARI, 2000; AOUN, 2001; SEABRA, 2001; NEIMAN, 2002; PIRES, 2002; BURGOS; PINTO, 2002; KINKER, 2002; RODRIGUES, 2003; MENDONÇA; NEIMAN, 2005). Do ponto de vista da aventura propriamente dita, salienta-se os primeiros trabalhos de investigação transformados em livros. Entre eles, o de Vera Costa (2000) sobre esporte de aventura e a questão do risco na atividade de montanhismo e Ricardo Uvinha (2001) falando sobre juventude em esportes radicais, com ênfase para o skate como expressão corporal, lazer e busca de identidade.

É importante realçar as coletâneas pioneiras organizadas por Marinho e Bruhns (2003), falando de turismo, lazer e natureza, e Schwartz (2006), tratando da consolidação de significados das aventuras na natureza. Somente essas duas publicações juntaram 23 artigos de reconhecidos(as) pesquisadores(as) da aventura.

Até o final dos anos 2000 outros livros e coletâneas, foram publicados sobre o tema da aventura (UVINHA, 2005; SILVA; DAMIANI, 2005; TRIGO, 2005; MARINHO; BRUHNS, 2006; ALMEIDA; DA COSTA, 2007; LESSA DA FONSECA; ZOLINO, 2008; BRUHNS, 2009; MARINHO; UVINHA, 2009; DIAS; ALVES JUNIOR, 2009; LE BRETON, 2009; e outros).

Nos anos 2010 ampliam-se as produções individuais e, principalmente, em redes colaborativas, que aumentam a intensidade de atuação, trazendo discussões, reflexões coletivas, e destacadamente exemplos de possibilidades práticas de realização das atividades de aventura e diversos relatos de experiências. Os congressos de aventura (CBAA/CIAA) transformaram muitos de seus anais em livros. Como exemplo: Pereira *et al.* (2012), relativo ao VI CBAA, traz artigos sobre ecoturismo, imaginário das práticas espeleológicas e do surfe, aspectos psicofisiológicos da escalada, a questão dos limites do ser humano, a formação profissional, e visões sobre o papel da sustentabilidade na relação esporte e turismo.

Devo, ainda, destacar pela qualidade e pelo aporte, as produções de Dimitri Wuo Pereira, seja individualmente ou com apoio de colaboradores; que com muita originalidade e visão didática trouxe contribuições para a investigação e para a pedagogia da aventura (PEREIRA; ARMBRUST, 2010; PEREIRA, 2013a; 2013b; 2019; 2020).

Termino essa varredura, realçando a imensa contribuição da educação física, esportes e lazer para consolidar os aspectos educativos e as práticas de atividade aventura, realizando diversos esforços coletivos (BERNARDES, 2013; GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014; SILVA; MALDONADO; OLIVEIRA, 2016; CORRÊA; SOUZA NETO, 2018; FIGUEIREDO *et al.*, 2018; MOURA *et al.*, 2018; PORTELA, 2020; SCOPEL *et al.*, 2020; SILVA JUNIOR; OLIVEIRA; AGAPTO, 2020; SILVA; FERREIRA; SILVA; 2021; MORAES FILHO *et al.*, 2021; FINARDI; ULASOWICS, 2022, CÂNDIDO *et al.*, 2023). Cada autor e autora de livros e capítulos souberam fortalecer o ensino e a pesquisa sobre aventura.

Imagem 2 – Exemplos de capas de livros sobre atividades aventura dos anos 2010.



Fonte: Elaboração do autor.

Refletindo sobre a caminhada

Não é o destino que conta mas o caminho.
Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, 1992.

Com este ânimo prospectivo, espero ter construído um panorama geral que permite uma visualização ampliada dessa densa produção intelectual, mesmo que de forma preliminar e apenas relativa aos dados iniciais ligados ao esporte, lazer, turismo e aventura; porém, possibilita situar a trajetória desse tópico em toda sua diversidade temática, autores em evidência, tendências investigativas, conceitos explorados, indicação de lacunas nesse momento histórico. Ainda são imperativos novos levantamentos e revisões, que permitam verificar os rumos que tomaram e como foi se consolidando a aventura como foco investigativo e ações coletivas.

Reforço que é um estudo exploratório sobre o assunto, e que foi entrando pelos labirintos e complexidades conceituais. Seguir por esses caminhos podem me colocar em maus lençóis com alguns autores e pesquisadores. Todavia, preferi esse procedimento de varredura de acervo, escarafunchar baús, fuçar banco de textos, mergulhar na internet, em arquivos históricos, papéis avulsos, contatos pessoais para uma dica amistosa, realizando um levantamento o mais abrangente possível, mesmo correndo o risco de faltar algo. E sempre falta algo, não é mesmo?! Em virtude disso, peço antecipadamente que me perdoem por alguma lacuna ou deslize.

Existem tentativas de introdução dos esportes e práticas de aventura nos currículos oficiais, isso é muito interessante; no entanto, as estruturas e esferas públicas muitas vezes são desfavoráveis, com visões parciais, às vezes até obstruídas. É preciso refletir sobre o assunto, visando a disseminação mais adequada da aventura no âmbito escolar e na formação inicial e continuada de profissionais para atuar com o tema.

O debate seguiu também nos órgãos públicos que atuam com turismo, meio ambiente, esportes, trabalho e renda, educação, entre outros, nos âmbitos: federal, estadual e municipal. Entre os documentos produzidos, menciono: Brasil (1994; 2005).

O tema ganhou espaços de discussão em órgãos normalizadores, como a ABNT, no Comitê Brasileiro de Turismo (CB-54), Subcomitê de Turismo de Aventura e seus diversos GTs por modalidades (montanhismo, escalada, espeleoturismo, mergulho, técnicas verticais, voo livre, cicloturismo, entre outros). Até 2023 o Subcomitê já havia publicado 42 Normas técnicas, inclusive tive oportunidade de participar diretamente da uma parte da norma de espeleoturismo (ABNT, 2006). Além disso, a Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) realizou reuniões e publicações sobre a temática, trazendo contribuições de suma importância para o conceito de “aventura segura” e seus manuais de Boas Práticas. Menciono uma publicação dessa coleção (ABETA; MINISTÉRIO DO TURISMO, 2009).

Vejo que ainda há muitos desafios para o ensino e pesquisa de aventura no Brasil. Muitos temas merecem discussão especial, como a questão da acessibilidade nas atividades de aventura, igualdade de gênero, inclusão social, tantas outras, que vem ganhando terreno nos eventos e publicações. Também é necessário abrir mais espaços para a publicação de artigos sobre a aventura em periódicos diversificados.

E apesar da ampliação da produção coletiva, ainda há muita sobreposição de esforços, que necessitaria de uma estrutura organizacional em torno da matéria. Estão se refortalecendo experiências em redes colaborativas; quem sabe não seria interessante retomar a ideia do IMAGINAVENTURA, para uma pesquisa nacional em forma cooperativa. Talvez o tema esteja amadurecido suficiente para se pensar na criação de um periódico específico ou mesmo de uma associação nacional, tal como tantas outras, uma Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Atividades de Aventura e Ecoturismo (ANPAAE), algo assim, que pudesse articular pesquisas sobre práticas corporais, ambientalismo, ecoturismo e aventura, suprimindo essa necessidade organizativa, dando maior visibilidade para essa emoção de pesquisar a aventura e seus temas afins em toda sua pluralidade.

No final da trilha aproveito para rever minha própria trajetória. Ela se inicia na educação em ciências naturais e na educação ambiental, e por minha relação com campismo, excursionismo e espeleologia, acaba se associando com os estudos de campo e estudos do meio, com viagens à natureza para a formação profissional em educação. Isso foi um passo para a minha aproximação com o ecoturismo, o turismo de base comunitária, a geografia humanista-cultural, a questão do imaginário social e das narrativas visuais. Tudo isso junto e misturado fervilhou em um caldo saboroso, cujo tempero me levou para os debates sobre as atividades de aventura. Todas as pessoas envolvidas com o assunto possuem suas incríveis histórias e poéticas de vida, seria fantástico se a gente pudesse juntar essa riqueza científico-cultural para compartilhar e desfrutar desse conhecimento acumulado. Tantas possibilidades...

Deparo-me no alto da colina, depois da longa caminhada, não tão grande quanto a que gostaríamos de ter realizado, porém, foram tremendas as aventuras. Agora sento-me para contemplar a paisagem com minhas amigas, mais-que-autoras, Heloisa Bruhns e Alcyane Marinho (2012), e refletindo sobre o rito do pôr-do-Sol, despeço-me esperançoso por novas jornadas, rodas de conversa, e respiro aliviado.

Referencias

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA (ABETA). MINISTÉRIO DO TURISMO. **Manual de boas práticas de espeleoturismo**. Belo Horizonte: ABETA e Ministério do Turismo, 2009. 60 p. (Série Aventura Segura)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). Comitê Brasileiro de Turismo (CB-54). Subcomitê de Turismo de Aventura **NBR 15503. Espeleoturismo de aventura e turismo com atividades de canionismo: requisitos para produto**. Rio de Janeiro: ABNT, set. 2006.

ALMEIDA, A. C. P. C.; DA COSTA, L. P. (Ed.). **Meio ambiente, esporte, lazer e turismo: estudos e pesquisas no Brasil, 1967-2007**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2007.

AOUN, S. **A procura do paraíso no universo do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BANDEIRA, M. M.; AMARAL, S. C. F. Definições oficiais para esportes de aventura e esportes radicais no Brasil. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v.18, n.3, p.29-35, 2020.

BECK, S. **A aventura de caminhar: um guia para caminhadas e excursionismo**. São Paulo: Ágora, 1989.

BERNARDES, L. A. (org.). **Atividades e esportes de aventura para profissionais de educação física**. São Paulo: Phorte, 2013.

BRASIL. Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo. Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR). Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal. Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA). **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília: EMBRATUR, IBAMA, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **A implantação da educação ambiental no Brasil**. Texto de Silvia Czapski. Brasília: CEA/MEC, 1998.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Regulamentação, normalização e certificação em turismo de aventura: relatório diagnóstico** Brasília: MTur, 2005.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.18, n.2, p.86-92, 1997.

BRUHNS, H. T. Visitando a natureza, experimentando intensidades. In: VASCONCELOS, F. P. (org.). **Turismo e meio ambiente**. Fortaleza: UECE, 1998. p. 152-168.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: reflexões sobre turismos na natureza. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.21, n.1, p.727-731, 1999a.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: a natureza como espaço da experiência. **Conexões: Educação, esporte e lazer**, v.1, n.3, p.7-26, 1999b.

BRUHNS, H. T. Esporte e natureza: a experiência sensível. **Motriz**, v.7, n.1, p.93-98, 2001.

BRUHNS, H. T. (org.). **A busca pela natureza: turismo e aventura**. Barueri: Manole, 2009.

BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. Ritos e rituais nas viagens à natureza. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v.5, n.1, p.87-102, 2012.

BURGOS, M. S.; PINTO, L. M. S. M. **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2002.

CÂNDIDO, C. M. et al. (org.). **Práticas de aventura e educação**: tecendo significados através das experiências. São Paulo: Supimpa, 2023.

CARVALHO, I. C. M. **Territorialidades em luta**: uma análise dos discursos ecológicos. São Paulo: Instituto Florestal, 1991. (Série Registros, n. 9)

CARVALHO, I. C. M. **A invenção ecológica**: narrativas e trajetórias de educação ambiental no Brasil. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001

CHASSOT, Á. I. **Das disciplinas à indisciplina**. Curitiba: Appris, 2016.

CONSELHO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS (ICAE). **Tratado de educação ambiental para sociedade sustentáveis e responsabilidade global**. Rio de Janeiro: ICAE, 1992.

CORNELL, J. **Brincar e aprender com a natureza**. São Paulo: Senac/Melhoramentos, 1996.

CORNELL, J. **A alegria de aprender com a natureza**. São Paulo: Senac/Melhoramentos, 1997.

CORRÊA, E. A.; SOUZA NETO, S. **As atividades de aventura e a educação física**: formação, currículo e campo de atuação. São Paulo: CREF4/SP, 2018.

COSTA, V. L. M. **Espportes de aventura e risco na montanha**: um mergulho no imaginário. São Paulo: Manole, 2000.

COSTA, V. L. M.; TUBINO, M. J. G. A aventura e o risco na prática de esportes vinculados à natureza. **Motus Corporis**, v.6, n.2, p.96-112, 1999.

COTA, J. M. M. C.; LAENDER, A. H. F.; PRATES, R. O. Árvore da ciência: uma plataforma para exploração da genealogia acadêmica brasileira. In: SEMINÁRIO INTEGRADO DE SOFTWARE E HARDWARE (SEMISH), 48, 2021, [s.l.]. **Anais eletrônicos [...]**. Sociedade Brasileira de Computação, 2021. p. 288-298.

COUTO, M. **Terra sonâmbula**. Portugal: Editorial Caminho, 1992.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: Stúdio Nobel; São Carlos: Editora da UFSCar, 1996.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental**: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 1992.

DIAS, C. A. G.; MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. **Revista Portuguesa de Ciência Desportiva**, v.7, n.3, p.358-367, 2007.

DIAS, C. A. G.; ALVES JUNIOR, E. D.(org.). **Em busca da aventura**: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza. Niterói: EdUFF, 2009.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FENNELL, D. **Ecoturismo: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2002.

FERNANDES, R. C. Esportes radicais: referências para um estudo acadêmico. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, v.1, n.1, p.96-105, 1998.

FIGUEIREDO, J. P. Et al. (org.). **Atividades de aventura: vivências para diferentes faixas etárias**. Rio Claro: Supimpa, 2018.

FIGUEIREDO, L. A. V. Ecoturismo e participação popular no manejo de áreas protegidas: aspectos conceituais, educativos e reflexões. In: RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo e Ambiente: reflexões e propostas**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 55-67.

FIGUEIREDO, L. A. V. Cavernas brasileiras e seu potencial ecoturístico: um panorama entre a escuridão e as luzes. In: VASCONCELOS, F. P. (org.). **Turismo e Meio Ambiente**. Fortaleza: Editora da UECE, 1998a. p. 186-209.

FIGUEIREDO, L. A. V. **“O ‘meio ambiente’ prejudicou a gente...”**: políticas públicas e representações sociais de preservação e desenvolvimento; desvelando a pedagogia de um conflito no Vale do Ribeira. (Iporanga-SP). 1999. 489f. il. color. Dissertação (Mestrado em Educação, área de Educação, Sociedade e Cultura) - Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, SP, 2000.

FIGUEIREDO, L. A. V. Integrando espeleologia e ecoturismo: proposta para a formação do bacharel em turismo e reflexões sobre a experiência na PUCSP. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 30, 2009, Montes Claros. **Anais [...]**. Campinas: SBE/GUPE, 2009.

FIGUEIREDO, L. A. V. **Cavernas como paisagens racionais e simbólicas**: imaginário coletivo, narrativas visuais e representações da paisagem e práticas espeleológicas. 2010. 466f. il. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Departamento de Geografia; Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FIGUEIREDO, L. A. V. Imaginário da aventura e as representações sociais das cavernas e das práticas espeleológicas. In: PEREIRA, E. A. et al. (org.). **Esporte e turismo: parceiros da sustentabilidade nas atividades de aventura**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária-UFPel, 2012a, p. 35-74.

FIGUEIREDO, L. A. V. Imagens e viagens do fazer educação ambiental: poéticas pedagógicas e narrativas visuais. In: MATHEUS, C.E.; MORAES, A.J. (orgs.). **Educação ambiental: momentos de reflexão**. São Carlos: RiMa, 2012b. p. 201-220

FIGUEIREDO, L. A. V. (Con)vivências em trilhas e cavernas por uma educação eco-geopoética: experiências formativas e narrativas visuais. In: ESTÉFANO, C.; SILVA-JUNIOR, A. (org.). **Praticando a educação ambiental: fazeres cotidianos em espaços educadores**. Diadema: V & V, 2022a. p. 138-180.

FIGUEIREDO, L. A. V. **“O ‘meio ambiente’ prejudicou a gente...”**: natureza e cultura na pedagogia dos conflitos socioambientais e nas histórias do Vale do Ribeira (SP). Curitiba: Appris, 2022b. 545 p.

FIGUEIREDO, L. A. V; MORENO, D. U. Processos colaborativos e mídias interativas em atividades de aventura na natureza: produção científica e princípios da educação ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA-CBAA, 6, 2011, Pelotas-RS. **Anais** [...]. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2011.

FIGUEIREDO, L. A. V; FORTUNATO, I. Distâncias, aproximações e entrelaçamentos em educação ambiental: narrativas autobiográficas e diálogos sobre formação docente em dois casos paulistas. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v.17, n.3, p.9–35, 2022.

FINARDI, F.; ULASOWICS, C.(org.). **Aprendendo práticas corporais de aventura na educação física: da escola à universidade**. Curitiba: CRV, 2022. (Coleção Educação Física: Formação para o Cotidiano Escolar, v. 48).

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. **Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura**. 22 ed. Maringá: EdUEM, 2014. v 4.

GRÜN, M. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. Campinas: Papirus, 1996.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papirus, 1995.

GUIMARÃES, M. **Educação ambiental: no consenso um embate?** Campinas: Papirus, 2000.

GUIMARÃES, S. M. Corpo ecológico, corpo dialógico: por uma corporeidade ecosófica ou o nome esquecido da Educação Física. **Motrivivência**, n.16, 2001.

GUTIERREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1999. 128 p. (Guia da escola cidadã, v. 3)

HILÁRIO, C. M.; CASTANHA, R. G.; GRÁCIO, M. C. C. A influência da genealogia acadêmica na colaboração científica: um estudo no campo da matemática no Brasil. **Revista Guillermo de Ockham**, v.15, n.2, p.133-141, 2017.

INÁCIO, H. L. D. Educação física e ecologia: dois pontos de partida para o debate. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.18, n.2, p.135-140, 1997.

IRVING, M. A.; AZEVEDO, J. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

KINKER, S. **Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais**. Campinas: Papirus, 2002. (Coleção Turismo)

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LADISLAU, C. R. O “meio” humano e o ser ambiente: esporte/lazer e intervenção ambiental, primeiras aproximações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.21, n.1, p.609-704, 1999a.

LADISLAU, C. R. Lazer na natureza: um diálogos de espelhos. **Conexões: Educação, esporte e lazer**, v.1, n.3, p.27-32, 1999b.

LARROSA-BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p.20-29, 2002.

LE BRETON, D. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas: Autores Associados, 2009.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LEFF, E. (coord.). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez; Blumenau: EdiFURB, 2003.

LE MOS, Amália I. G. (org.). **Turismo: impactos socioambientais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

LESSA DA FONSECA, F.; ZOLINO, S. **A cultura da aventura na natureza**. São Paulo: Instituto Peabiru/Ministério da Cultura, 2008.

LINDBERG, K.; HAWKINS, D. E. (ed.). **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: Ed. SENAC, 1995.

LINO, C. F. **Cavernas: o fascinante Brasil subterrâneo**. São Paulo: Rios, 1989.

LINO, Clayton F.; ALLIEVI, João. **Cavernas brasileiras**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (org.). **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Papyrus, 1996.

MARINHO, A. Uma relação sensível entre natureza e sociedade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.21, n.1, p.757-760, 1999a.

MARINHO, A. Natureza, tecnologia e esportes: novos rumos. **Conexões Educação Física, Esporte e Saúde**, v.1, n.2, p.62-74, 1999b.

MARINHO, A. Do Bambi ao Rambo ou vice-versa? as relações humanas com a (e na) natureza. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, v.1, n.3, p.33-41, 1999c.

MARINHO, A. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.22, n.2, p.143-153, 2001a.

MARINHO, A. Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva. **Licere**, v.4, p.137-138, 2001b.

MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. Escalada urbana: faces de uma identidade cultural contemporânea. **Movimento**, v.7, n.14, p.37-48, 2001.

MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (org.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003.

MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (org.). **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. Barueri: Manole, 2006.

MARINHO, A.; SCHWARTZ, G. M. Laboratório de Estudos do Lazer-LEL. **Motrivivência**, n. 16, 2001a.

MARINHO, A.; SCHWARTZ, G. M. Caverna do Fazendão: experiências turísticas de sensibilização. **Turismo em Análise**, v.12, n.1, p.80-85, 2001b.

MARINHO, A.; UVINHA, R. (org.). **Lazer, esporte, turismo e aventura: a natureza em foco**. Campinas: Alínea, 2009.

MARRA, R. J. C. **Espeleo turismo: planejamento e manejo de cavernas**. Brasília: WD Ambiental, 2001.

MENA-CHALCO, J. P. A genealogia acadêmica do Prof. Etelvino José Henriques Bechara: relatório de divulgação científica. Santo André: Universidade Federal do ABC, 2015.

MENA-CHALCO, J. P. Genealogia acadêmica: uma ferramenta para investigar a origem, evolução e disseminação de áreas do conhecimento. In: Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria, 5, 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ECA-USP, 2016.

MENDONÇA, R.; NEIMAN, Z. (org.). **Ecoturismo no Brasil**. Barueri: Manole, 2005.

MITRAUD, S. (org.). **Manual de ecoturismo de base comunitária: ferramenta para um planejamento responsável**. Brasília: WWF-Brasil, 2003.

MORAES FILHO, J. A.; et al. (org.). **Práticas corporais, saúde e ambientes de prática: fatos, ações e reações**. Nova Xavantina: Pantanal, 2021. v.2.

MOURA, D. L. et al. **Dialogando sobre o ensino da educação física: práticas corporais de aventura na escola**. Curitiba: CRV, 2018. (Coleção Dialogando sobre o Ensino de Educação Física, v. 4).

NEIMAN, Z. (org.). **Meio ambiente, educação e ecoturismo**. Barueri: Manole, 2002.

NEIMAN, Z.; MENDONÇA, R. Ecoturismo: discurso, desejo e realidade. **Turismo em Análise**, v.11, n.2, p.98-110, 2000.

NIEFER, I. A.; SILVA, J. C. G. L.; AMEND, Ms. Ecoturistas ou não? análise preliminar dos visitantes do parque nacional de superagüi. **Turismo: Visão e Ação**, v.3, n.6, p.49-68, 2000.

OLIVERA-BETRÁN, A.; OLIVERA-BETRÁN, J. Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza: marco conceptual y análisis de los criterios elegidos. **Apunts: Educación Física e Deportes**, n.41, p.108-123, 1995.

OLIVERA-BETRÁN, A.; OLIVERA-BETRÁN, J. Análisis de la demanda potencial de las actividades físicas de aventura en la naturaleza en la ciudad de Barcelona. **Apunts: Educación Física e Deportes**, n.52, p.92-103, 1998.

OLIVERA-BETRÁN, J.; OLIVERA-BETRÁN, A. La crisis de la modernidad y el advenimiento de la posmodernidad: el deporte y las prácticas físicas alternativas en el tiempo de ocio activo. **Apunts: Educación Física e Deportes**, n.41, p.10-29, 1995.

OLIVERA-BETRÁN, A.; OLIVERA-BETRÁN, J. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: estudio de la oferta y la demanda en el sector empresarial **Apunts: Educación Física e Deportes**, n.57, p.86-94, 1999.

OLIVERA-BETRÁN, A.; OLIVERA-BETRÁN, J. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza (AFAN): revisión de la taxonomía (1995-2015) y tablas de clasificación e identificación de las prácticas. **Apunts, Educación Física y Deportes**, v.32, n.124, p.71-88, 2016.

OLIVERA-BETRÁN, J. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. **Apunts: Educación Física e Deportes**, n.41, p.5-9, 1995.

PÁDUA, S. M.; TABANEZ, M. F. (org.). **Educação ambiental: caminhos trilhados no Brasil**. Brasília: FNMA/IPÊ, 1997.

PAES-LUCHIARI, M. T. D. P. Turismo e meio ambiente na mistificação dos lugares. **Turismo em Análise**, v.11, n.1, p.35-43, 2000.

PEDRINI, A. G. **Educação ambiental: reflexões e práticas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PELLEGRINI FILHO, A. **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas: Papirus, 1993.

PEREIRA, D. W. **Atividades de aventura: em busca do conhecimento**. Várzea Paulista: Fontoura, 2013a.

PEREIRA, D. W. **Novas experiências na aventura**. São Paulo: Lexia, 2013b.

PEREIRA, D. W. (org.). **Pedagogia da aventura na escola: proposições para a base nacional comum curricular**. Várzea Paulista: Fontoura, 2019.

PEREIRA, D. W. **Fundamentos dos esportes de aventura e da natureza**. Curitiba: FAEL, 2020.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I.; RICARDO, D. P. Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características. **Corpoconsciência**, v.12, n.1, p.18-34, 2008.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. (org.). **Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola**. Jundiaí: Fontoura, 2010

PEREIRA, E. A. et al (org.). **Esporte e turismo: parceiros da sustentabilidade** nas atividades de aventura. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária-UFPel, 2012.

PIMENTEL, G. G. A. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.35, n.3, p.687-700, 2013.

PIRES, P. S. A dimensão conceitual do ecoturismo. **Turismo: Visão e Ação**, v.1, n.1, p.75-91, 1998.

PIRES, P. S. O que é ecoturismo? em busca de uma resposta pela via da abordagem conceitual. **Turismo: Visão e Ação**, v.3, n.6, p.119-121, 2000.

PIRES, P. S. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: SENAC, 2002.

PORTELA, A. **Os esportes de aventura na educação física escolar: formação e atuação dos professores**. Curitiba: CRV, 2020. (Coleção Esportes de Aventura, v. 1).

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Col. Primeiros Passos).

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995. (Questões da Nossa Época, v.41).

RIBEIRO, I. C. Perspectivas ecológicas da educação corporal: rumo à qualidade total de vida. **Motriz: revista de Educação Física**, v.3, n.2, p.116-122, 1997.

RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo e ambiente: reflexões e propostas**. São Paulo: Hucitec, 1997.

RODRIGUES, A. B. (org.). **Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites**. São Paulo: Contexto, 2003.

RUSCHMANN, D. V. M. Turismo sustentado para a preservação do patrimônio ambiental. **Turismo em Análise**, v.3, n.1, p.42-5, 1992.

RUSCHMANN, D. V. M. Impactos ambientais do turismo ecológico no Brasil. **Turismo Em Análise**, v.4, n.1, p.56-68, 1993.

RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas: Papyrus, 1997.

RUSCHMANN, D. V. M. A ética nos serviços ecoturísticos. **Turismo: Visão e Ação**, v.1, n.1, p.9-18, 1998.

RUSCHMANN, D. V. M. A experiência do turismo ecológico no Brasil: um novo nicho de mercado ou um esforço para atingir a sustentabilidade. **Turismo: Visão e Ação**, v.2, n.5, p.81-90, 1999/2000.

SAUVÉ, L. Viver juntos em nossa Terra: desafios contemporâneos da educação ambiental. **Contrapontos**, v.16, n.2, p.288-299, 2016.

SCHWARTZ, G. M. O corpo sensível como espaço ecológico. **Motus Corporis**, v.8, n.2, p.49-54, 2001.

SCHWARTZ, G. M. (org.). **Aventuras na natureza**: consolidando significados. Jundiaí, SP: Fontoura, 2006.

SCOPEL, A. J. S. G. et al. **Atividades físicas alternativas**: práticas corporais de aventura. Curitiba: InterSaberes, 2020.

SEABRA, G. **Ecos do turismo**: o turismo ecológico em áreas protegidas. Campinas: Papirus, 2001.

SERRANO, C. (org.). **A educação pelas pedras**: ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chronos, 2000.

SERRANO, C. A educação pelas pedras. **Motriz**, v.7, n.1, p.101-110, 2001.

SERRANO, C. M. T.; BRUHNS, H. T. (org.). **Viagens à natureza**: turismo, cultura e ambiente. São Paulo: Papirus, 1997.

SERRANO, C.; BRUHNS, H.; PAES-LUCHIARI, M. T. D. (org.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2000.

SILVA, A. M. A dominação da natureza: o intendo do ser humano. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.18, n.2, p.119-125, 1997.

SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (org.). **Práticas corporais**: trilhando e compar(trilhando) as ações em educação física. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, 2005. 3 v.

SILVA, A. J. F.; FERREIRA, D. A.; SILVA, M. E. H. (org.). **Saberes em ação na educação física escolar**: possibilidades pedagógicas a partir da BNCC. Curitiba: CRV, 2021.

SILVA, B. A. T.; MALDONADO, D. T.; OLIVEIRA, L. P. (org.). **Manifestações culturais radicais nas aulas de educação física escolar**. Curitiba: CRV, 2016. (Coleção Educação Física: Formação para o Cotidiano Escolar, v. 15).

SILVA JUNIOR, E. P.; OLIVEIRA, F. F.; AGAPTO, R. E. S. **Unidade didática**: práticas corporais de aventura. Salgueiro: Instituto Federal Sertão Pernambucano, 2020.

SOUSA, D. Q. O.; ARAÚJO, A. C. As práticas corporais de aventura na educação física escolar: o que o estado da arte nos diz. **Licere**, v.19, n.2, 2016.

STIGLIANO, B. V. Turismo de aventura: off-road como prática. **Turismo em Análise**, v.11, n.1, p.44-54, 2000.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável**: meio ambiente e economia. São Paulo: Aleph, 2000. v. 2.

SWARBROOKE, J. et al. **Turismo de aventura**: conceitos e estudos de caso. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2003.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola. **Conexões**, v.14, n.2, p.113-136, 2016.

TAKAHASHI, L. Y.; MILANO, M. S.; VASCONCELLOS, J. M. O. Uso recreativo e perfil dos visitantes do Parque Estadual Pico do Marumbi e da Reserva Natural Salto Morato (PR). **Turismo em Análise**, v.12, n.2, p.60-74, 2001.

TEIXEIRA, F. A.; MARINHO, A. Atividades de aventura: reflexões sobre a produção científica. **Motriz**, v.16, n.3, p.536-548, 2010.

TRIGO, L. G. G. (ed.) **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TULIK, O. Turismo e meio ambiente: identificação e possibilidades da oferta alternativa. **Turismo em Análise**, v.3, n.1, p.21-30, 1992.

URRY, J. **O olhar do turista**: lazer e viagens na sociedade contemporânea. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1996.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. São Paulo: Manole, 2001.

UVINHA, R. R. (org.). **Turismo de aventura**: reflexões e tendências. São Paulo: Aleph, 2005.

VANREUSEL, B. From Bambi to Rambo: towards a socio-ecological approach to the pursuit of outdoor sports. In: WEISS, O.; SCHULZ, W. (eds.) **Sport in space and time**. Vienna: Vienna University Press, 1995.

VASCONCELOS, F. P. (org.) **Turismo e meio ambiente**. Fortaleza: Funece, 1998

VIEZZER, M. L.; OVALLES, O. **Manual latino-americano de educação ambiental**. São Paulo: Gaia. 1995.

VILLAVERDE, S. Lazer, meio ambiente e parques públicos urbanos: conhecer para intervir. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.21, n.1, p.774-780, 1999a.

VILLAVERDE, S. Do “ecológico” do espaço ao espaço do ecológico: lazer, meio ambiente e parques públicos urbanos. **Conexões**, v.1, n.3, p.58-73, 1999b.

WEARING, S.; NEIL, J. **Ecoturismo**: impactos, potencialidades e possibilidades. Barueri: Manole, 2001.